



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL



Falando de destino...

Em "Depois de horas", filme americano, o protagonista, ao deixar o local de trabalho, enfrenta situações bizarras na tentativa de voltar pra casa. Quando parece que finalmente vai conseguir, surgem novos imprevistos que o distanciam ainda mais do caminho. Uma agonia para os cinéfilos.

Algo parecido aconteceu comigo. Já faz um tempo, mas é nítido na memória.

Quando cheguei em Eunápolis, ponto final do ônibus que saíra de Porto Seguro, era véspera de Natal. Tudo o que eu queria era seguir viagem, mas a falta de ônibus nessas quadras é regra, até hoje. Para Montes Claros, então, nem pensar. Alguém me alertou: a não ser que enfrentasse um périplo, não chegaria em casa, centenas de quilômetros à frente, antes de Papai Noel.

Rodoviária barulhenta, movimentada a de Eunápolis. Filas imensas nos guichês. Tenho de comprar uma passagem, seguir para Vitória da Conquista e, lá, conseguir outro ônibus para chegar ao norte de Minas.

Comprar uma passagem para Vitória da Conquista, na calorenta e lotada rodoviária de Eunápolis, em vésperas natalinas, não foi moleza. Depois de longo tempo na fila, suando às bicas, cheguei finalmente ao guichê e consegui a passagem para Vitória. Na última poltrona!

- Para Vitória... - repetiu o cara do guichê.
- Isso!
- O ônibus sai à meia-noite.

Foram horas de espera, sentando, levantando, andando pra lá e pra cá, tentando me acomodar num banco desconfortável, colecionando torcicolos.

Finalmente, no ônibus, me joguei na poltrona. Alguns quilômetros adiante, já no breu da rodovia, perguntei ao trocador, que conferia a minha passagem, quando chegaríamos a Vitória da Conquista.

- Da Conquista?
- Isso.
- Mas, estamos indo para Vitória. Espírito Santo. É o que está na sua passagem.
- Para o ônibus que eu quero descer! - berrei com os braços pra cima.

O motorista parou e foi bondoso. Só reiniciou a viagem, com a aquiescência dos demais passageiros, solidários ao bisonho estampado em mim, depois de conseguir uma carona que me levou de volta à rodoviária de Eunápolis.

A rodoviária agora estava vazia e silenciosa. Me sentia um parasita. Não tinha avançado um metro sequer na minha penosa viagem. Viajei foi na maionese.

Era o que praticamente me dizia o gerente da empresa do ônibus, a quem pedi uma nova passagem.

- Da próxima vez, faça como os baianos: peça uma passagem para Conquista e não para "Vitória", sob risco de desembarcar no Espírito Santo - disse, passando-me a passagem.



- O ônibus sai às 7h30...

Fiquei o resto da madrugada feito um zumbi solitário de rodoviária baiana, xingando o banco que me causava novos torcicolos. De Vitória da Conquista até Montes Claros, precisei de mais dois ônibus e só cheguei ao torrão quando a ceia de Natal já estava fria.

Para concluir, confundir nomes me lembra Chita do Pandeiro. Numa ocasião, conversando sobre o nome correto do distrito rural de Aparecida do Mundo Novo - para onde nos dirigíamos e para onde ele seguia todos os dias como motorista do ônibus que fazia a linha, o saudoso amigo acentuou:

- Dizem que chamar Aparecida do Mundo Novo de Aparecida do Novo Mundo, não faz diferença. Claro que faz! Rapaz, se alguém troca, dá problema. Pode ser até... dolorido - disse, com um risinho treiteiro.

Pedi um exemplo. Ele deu:
- Você dorme hoje com Maria José e amanhã acorda com José Maria. Faz uma diferença enorme.

Concordei.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.

